

TERRA

Semanário Anarquista

LIVRE

N.º 8—1.º ANO

Director: PINTO QUARTIM
Propriedade do grupo editor da
TERRA LIVRE

Publica-se ás 5.ªs feiras

Redação e administração
Rua das Gaveas, 55, 1.ª

Editor: JAIME DE CASTRO

Comp. e imp. nas OFFICINAS GRÁFICAS
R. do Poço dos Negros, 81

PREÇO 20 RS.

O protesto operario

No ultimo artigo da campanha que aqui temos mantido em favor dos presos por questões sociais, noticiavamos com prazer o movimento de protesto que o operariado organizado de todo o paiz ia levar a efeito. Apesar de desejarmos que ele já se houvesse realizado ha alguns mezes e de sinceramente lamentarmos que o operariado seja ainda tão moroso nos seus movimentos, alegrou-nos a noticia, como sempre nos alegra a revolta dos que sofrem opressões,—seja em que meio social for— como sempre nos anima a ação— e ação coordenada e consciente— das classes produtoras.

Num mesmo dia e á mesma hora, iam realizar-se pelas cidades, vilas e aldeias, comícios de protesto contra as arbitrariedades e violencias das autoridades; ia protestar se serenamente, mas com energia, contra a systematica perseguição movida ao operariado; ia protestar-se contra a nenhuma garantia dos direitos de reunião e contra o facto de se terem mantido nas prisões da republica *alguns mezes sem culpa formada*, e de se manterem ainda nessas prisões, propagandistas do movimento operario ou simples trabalhadores que procuraram diminuir a sua imensa miseria ou manter a sua liberdade de pensamento.

Ia protestar-se dessa forma. E nós aplaudimos com entusiasmo esse protesto, desejando que ele tivesse a maior extensão e que fosse bem significativo e bem forte— que ele fosse um grande grito saído bem do intimo da alma proletaria e que em toda a parte fosse ouvido pelo inimigo!

Era assim que o queriamos. Era assim que ele resultaria util.

Não foi, porem, como a esperavamos, a manifestação em favor dos presos por questões sociais. Teve importancia realmente, mas não revestio o aspecto que devia e *podia* revestir.

Dizemol-o francamente, sem esitações e sem rodeios, porque entendemos ser má tatica tecer louvaminhas, encobrir defeitos, não notar os erros que se cometem na luta.

Dizemol-o assim porque somos de opinião de que temos de dizer sempre as verdades e de habituar-nos a ouvi-las com serenidade, mesmo que elas sejam contra nós. Só assim poderemos corrigir defeitos nossos, individuais, e os defeitos coletivos.

Ora a Comissão Ezeccutiva do 2.º Congresso Sindicalista, que tinha a seu cargo a organização do movimento de protesto, procedeu, ao que nos dizem, com negligencia, com pouca atividade, não poz nisto— que era tão importante!— a vontade, o nervo que se requeria. Tarde participou ás direções dos sindicatos, pelo paiz fóra, a decisão tomada.

E' necessario, pois, outro movimento melhor organizado, mais estenso, mais significativo! Que o operariado veja bem que tem que mover-se mais rapidamente e que interessar se pelos camaradas presos e por outras questões de interesse moral e intelectual. A' medida que as classes trabalhadoras forem sabendo manejar a sua melhor arma— a solidariedade—; á medida que forem procurando mais coesão e mais elementos sentimentais e intellectuais para a obterem; á medida que forem pretendendo e procurando conseguir mais elevados fins, sentir-se-ão mais fortes e mais respeito imporão aos que estão do lado oposto.

Bem sabemos que a questão economica é fundamental; mas não podemos considerá-la como— unica.

Que um homem é mais alguma coisa, mesmo muitissimo mais,— que um simples estomago.

Onde vivemos?

Temos mordaza?

Continuam as prisões de operarios! Como na segunda feira foram a julgamento os trabalhadores rurais de Coruche, naturalmente pretende o governo preencher com outros trabalhadores os logares que aqueles deixaram vagos, no Limoeiro...

Onde vivemos?

Não sabemos onde tanta ine-

pcia e tanta insensatez levará tudo isto.

Em Portel, foram presos Antonio Joaquim da Silva (rural) Francisco José Chagas (rural, delegado da Federação de Evora) e Francisco Simões (corticeiro) que iam tomar parte no comicio que ali se realizava em favor dos presos por questões sociais. Porquê? Qual o motivo de tais prisões? E' isto que é necessario saber-se; é isto que as autoridades teem que dizer.

Onde vivemos? Temos mordaza?

Em Serpa e Ferreira do Alentejo tambem os comícios foram proibidos e os oradores intimados a saírem para fóra das respectivas terras!

Ao mesmo tempo que isto se passa, naturalmente com ordens superiores do governo, *O Mundo*, numa prosa vilíssima, vai reeditando a infamíssima calunia dos sindicalistas feitos com os conspiradores, vai aprocimando os movimentos operarios do descontentamento ou hostilidade de quaesquer elementos monarchicos.

Qual o fim disto tudo? Isto obedece, certamente, a qualquer plano; e é bom assim que o operariado esteja de sobraviso, vendo com a maior atenção os movimentos da fera.

Procura-se *fazer sair* o operariado? Procura-se lançá-lo, pela revolta cega, em qualquer movimento que dê orijem a uma *sangria*?

E' a sangria que o governo pretende?

Nada se sabe. Por enquanto é tudo bastante nebuloso. Quer-nos parecer, porem, que não andamos lonje da verdade quando fazemos estas considerações.

E o que sabemos muito bem é que os processos que se estão seguindo nunca deram nem podem dar bons resultados para aqueles que os empregam. E os republicanos teem o exemplo em casa. A mordaza franquista acelerou muito mais a revolução republicana, despertando nas massas energias adormecidas e em varios individuos uma vontade mais firme e um ataque mais certo.

● A inferioridade da mulher não é fisiologica nem psicologica; é social. A sua escravidão seccual é resultado da sua vassalagem economica.— *Fredrico Stackelberg.*

Factos e comentarios

Publicações de "Terra Livre"

Ainda este mez *Terra Livre* vai iniciar a serie de publicações de propaganda anarquista que se propõe editar mensalmente.

As publicações de *Terra Livre* terão, a recomenda-las alem do seu aspecto agradável, impresso em bom papel e com ilustrações no testo e na capa, e da cuidadosa escolha dos trabalhos de propaganda, a modicidade do seu custo que será á razão de 20 réis cada 16 pajinas.

O primeiro folheto da serie será as *Georgicas* que o nosso colega de redação Neno Vasco publicou em artigos neste jornal e que tão apreciadas foram pelos trabalhadores rurais a quem elas eram destinadas. Mas tendo nós conhecimento de que alguns grupos pensam em publicar em folheto esse mesmo trabalho de Neno Vasco, prevenimo-os do nosso intento para que duas edições não apareçam ao mesmo tempo, o que prejudicaria sem duvida ambos os grupos editores. Se, porem, com esta nossa resolução alguém se julgar prejudicado, nada mais terá que avizar-nos dentro do prazo de oito dias, pois, nesse caso, duvida alguma teremos em substituir por outro trabalho a primeira das publicações de *Terra Livre*.

Um rei amado do povo

A imprensa burgueza tem-se farto de vomitar vituperios sobre o *estupido*, o *anarquista* autor do *repelente* e *cobarde* atentado contra Jorje I, rei da Grecia, «um dos mais populares chefes de Estado e que soubera conquistar um amigo em cada um dos seus subditos pelos primores do seu carater, intelijencia e bondade.»

Assim escreve, aquella mesma imprensa que em 1908, aplaudiu o atentado contra o rei D. Carlos, chamando a Buiça e Costa. «santos» e que por essa epoca afirmavam não haver *reis bons* como não ha padres bons. Mas isso era dantes.

Hoje, já ha padres bons e reis bons, desde que aqueles recebam pensões do Estado e estes governem lá na casa alheja.

Resta saber que foi a *habilitissima* politica desse rei tão amado do povo que conduziu ao matadouro dos Balkans, 38.500 dos seus queridos subditos, segundo a estatistica que no numero passado publicamos.

Escusado será dizer que as familias dessas 38.500 vitimas adoravam em estremo o seu querido rei...

Opinião da Imprensa

Da apreciada revista de educação social *Lumen* derijida por Severino de Carvalho (Bel-Adam):

«Até aqui os anarquistas portugueses pouco se teem preocupado com o conhecido preceito: um jornal não é só para ser lido, é tambem para ser visto. Este novo periodico, ao que parece, nesse particular não quer seguir os moldes dos seus antecessores. Nesse particular e no da violencia verbal: as grandes frases, se as conhece, é de as ver com veneração no guarda-roupa revolucionario do partido; não se mostra disposto a usá-las. Por estas duas extravagancias, seja-nos permitido felicitar o amigo Pinto Quartim e os seus cooperadores.»

RESPONDENDO A UM INQUERITO

SINDICALISMO E ANARQUISMO

III

Meus amigos:

A humanidade, nos seus primórdios, satisfaz as suas necessidades dentro dum só organismo homojeneo, uno, simples. A' similitude da monera, cada parte do todo desempenhava confusamente todas as funções. O agregado social era então uma massa confusa. As necessidades humanas ainda muito rudimentares satisfaziam-se por meio dum organismo rudimentar e simples. Os fenomenos sociaes passavam-se, coexistiam dentro dum todo em que as partes ezerciam funções indistintamente, sem diferenciações, sem especialidades.

As necessidades genéticas, estéticas, intelectuaes, moraes, jurídicas e politicas, satisfaziam-se por meio dos órgãos que então tinham por exclusivo a função economica.

Não ha ainda órgãos especiais para cada uma dessas funções. E' dentro do organismo economico, primitivo, que se satisfazem essas outras necessidades humanas, rudimentares ainda, simples e sem grandes esijencias.

A confusão das funções encontra-se bem caracterizada no facto de que na orda, no clan, na tribo o chefe é simultaneamente o regulador do trabalho, o distribuidor autoritario das utilidades, o chefe descrecionista da mulher e da sua prole, o supremo interprete da divindade, o absoluto conhecedor do bem e do mal, o arbitrario julgador da conduta alheia, o intratavel senhor a quem todos devem obedecer servilmente, o sanguinario general do despótico e tirano dirigente.

Tudo se encontra, pois, integrado no organismo economico rudimentar. Só com o tempo é que, intensificando-se as necessidades, estas criam sucessivamente órgãos especiais incubidos de desempenharem funções distintas e particulares, começando essa especialização e diferenciação pelos órgãos mais simples e geraes, para terminar por chegar á formação dos órgãos mais complexos e especiais.

A sociedade economica é, a principio, simultaneamente familiar, religiosa, moral, jurídica e politica, sendo impossivel distinguir-se cada uma dessas propriedades sociaes de estacálas do conjunto.

Os individuos que se organizaram para satisfazerem as necessidades economicas, não se agrupam, não se organizam logo depois para satisfazer as outras necessidades mais superiores, mas, sem duvida, menos ezijentes. Para que os seres hu-

manos sintam as outras necessidades e tratem de satisfazê-las, carecem de possuir um *loisir* economico, um bem-estar material suficiente de modo que a preocupação do estomago seja menos obsecante, que a luta pela ezistencia seja menos aguda, menos intensa.

A diferenciação, a desintegração opera-se então imperiosamente em virtude da indispensavel divisão das necessidades e da consequente divisão de funções e de trabalho.

O primeiro organismo social que nós encontramos é a *orda*, cujo aspéto se assemelha ao rebanho, e cuja função essencial é economica. O ser humano, na luta pela ezistencia, agrupa-se, *forma uma sociedade* para procurar satisfazer a necessidade mais geral e mais imprescindivel — *o comer*.

Ainda mal saído da pura animalidade, sem conhecimentos, nem raciocinio para produzir, os seres humanos limitam-se a procurar o alimento *já feito*; o seu trabalho consiste na *busca* dos alimentos que a natureza lhes dá espontaneamente. Mas como a natureza é escassa e nem em toda a parte eles encontram o alimento pronto a sêr devorado, eles unem-se entre si, formam agregados, constituem uma empresa cujo fim é angariar os meios da subsistencia, andando ao acaso em cata dos logares onde o haja. Uma vez ezaminado esse logar, eles levantam o acampamento e metem-se a caminho em procura de novos logares em que haja comida.

Mas como neste periodo primitivo a regra economica é a da ave de rapina: consumir sem produzir; sucede que aos periodos de abundancia se seguem os periodos de escassês, de fome, e o maior inimigo do homem é proprio homem. As ordas, — as empresas economicas primitivas — são então rivais, inimigas. A fome determina que se veja em cada similitude um concorrente ao alimento raro; um motivo de haver menos probabilidade para a satisfazer. E como a inteligencia ainda não atinju a precisa elevação para compreender que, se uma luta, a força, a violencia, pode dar-nos uma momentanea primasia e correlativamente os alimentos de que carecemos, muito mais util e duradouro seria conglobar esforços, conjugar atividades, ezercendo-se solidariamente o auxilio mutuo, — as ordas despedaçam-se, destroem-se, — mercê das condições psiquicas e mesolójicas da humanidade primitiva que não eram conducentes a outra conduta. Ela foi o que pôde sêr.

Por isso a orda não é só uma associação pacifica de exploração vagabunda em busca da alimentação, é tambem uma empresa que desempenha essa mesma função nutritiva dos seus membros, lançando mão igualmente de meios violentos de lutas, de carnificinas, para se apoderar dos alimentos de que outra orda, por ventura, se apossou primeiro.

Daqui o carater exclusivista, fechado e agressivo que cada orda apresenta perante outra orda e o aspéto guerreiro que nos dão esses agregados primitivos. O seu fim é uno: encontrar comida para os seus membros viverem. Os seus meios de o conseguir são a busca pacifica ou a guerra, a *razzia* contra outra orda que as circunstancias colocou em presença e cujos interesses se contrariam, á mingua de inteligencia e de previsão.

A orda tem, portanto, uma natureza essencialmente economica, mas dentro dela satisfazem-se já algumas outras necessidades que são o rudimento, o esboço de futuros órgãos e aparelhos sociaes com propriedades e atribuições típicas. Dentro da orda elaboram-se, ezistem virtualmente, em embriões, os órgãos que mais tarde devem corresponder ás instituições sociaes destinadas a satisfazer necessidades menos fundamentais e menos gerais mas sem duvida igualmente imprescindiveis.

As necessidades do ser humano, diz Guyau, impelem-no para a vida, para uma vida mais intensa e mais larga, para um mais belo horizonte do ideal.

Da orda primitiva, quasi amorfa, nascem formas definidas. O crescente numero dos seus membros, ou a fusão de dois ou mais desses grupos para a defeza comum ou para a conquista das substancias dá origem ao clan, á tribo, que sendo agregados mais complexos promovem, criam uma primeira divisão de funções.

Dentro da homojenidade primitiva em que todos fazem tudo, surjem então as diferenciações, as especialidades, as apetidões, de sêco e de idade, de individuo para individuo, que, por sua vez criam novos agregados, novos órgãos e aparelhos sociaes, reunindo-se os que teem as mesmas apetidões, as mesmas especialidades, os mesmos interesses e idiais, fazendo assim, pelos esforços associados, novas conquistas, novas aquisições e tornando-se cada individuo um fator, um agente de produção, de cooperação cada vez mais eficaz.

Essa diferenciação de órgãos, essa especialização de funções não vai ao ponto de obliterar o necso social, a interdependencia de todos os fenomenos sociaes, fazendo de cada órgão um agregado á parte, que nada tem com os demais agrega-

dos embora todos de natureza social.

Na sociedade humana tudo se liga, tudo é solidario; e basta romper-se o equilibrio num dos seus agregados para que os demais agregados, mesmo os mais afastados, se ressentam.

Assim, por ezemplo, quando observamos, pela estatistica, que a alimentação dos operarios é inferior á sua despesa fisiolojica, gasta no trabalho, nós verificamos que esse desequilibrio se compensa pelo gasto dos tecidos, á custa da economia fisiolojica do operario e que esse novo equilibrio forçado se repercute funestamente no conjunto da estrutura social, isto é, sobre a reciproca situação de cada uma das suas partes componentes, prejudicando não só os individuos, mas toda a sociedade, em geral...

E... por hoje... ponto.

Adolfo Lima.

P. S. No meu artigo anterior, na 2.^a coluna da 3.^a pagina, houve a eliminação dum *não*. O que escrevemos foi: "...o mal-estar que se produz no organismo biolojico pela sua *não* satisfação, é que constitue a base" ... etc. Tambem na mesma coluna vem um *produzir* em vez de *satisfazer*.

A. L.

OS RURAIS DE CÔRUCHE

Realizou-se na segunda feira última o julgamento dos trabalhadores rurais Miguel Rodrigues, Julio Sapateiro, João Sapateiro, José Serrano, Manuel Graça Landeira, José Baeta, João Arrothea, Antonio dos Santos Barbas, Manuel Espalha, Manuel Sequeira, João Espalha Lamas, José Fitas, Francisco Tadeia, Antonio Neves, João Neves, Antonio Padeiro, Domingos Godinho, Miguel Pé da Bico, Manuel Godinho, Antonio Joaquim Mattos Ferrão, Antonio Matheus, Francisco Gabriel, Manuel Barbas Coxo, Joaquim Simões, José Saloio, Joaquim Raposo, Gabriel Buchada, Gabriel da Justa e João Barbosa, acusados do crime de sedição por ocasião do conflito travado entre o povo e a guarda republicana, ha cinco mezes, em Córuche.

A defeza esteve a cargo dos nossos camaradas Sobral de Campos e Campos Lima, sendo aqueles nossos companheiros postos em liberdade.

Com um abraço afetuoso e paternal a esses estimados trabalhadores, fazemos votos por que os mezes de prisão lhes tenham insuflado mais energia para a luta contra a opressão do rejime burguez e em favor da emancipação da humanidade.

● E' no terceiro domingo d'este mez que se realiza a *matinée* promovida por uma comissão de amigos em favor d'O *Sindicalista*, e que tanto interesse está despertando.

A festa efetua-se no Coliseu de Lisboa, devendo representar-se peças de carácter social, inteiramente novas entre nós e que sem duvida produzirão sucesso.

Os bilhetes devem aparecer á venda por estes dias sendo de esperar que o Coliseu, apesar de ser uma das maiores casas de espetaculos de Lisboa, seja pequena nesse dia para comportar todos os amigos d'O *Sindicalista*. São esses, pelo menos, os nossos votos.

A ESPECULAÇÃO MILITARESÇA

Seis meses de campanha de cretinização nacional

A loucura militar que por aí se pretende desenvolver é condenada por alguns militares e homens de ciência

A campanha de defeza nacional que por aí tem estado a serrazinar-nos em estribilhos de patriotismo para... *inglez vêr*, com ameaças ridículas de perigos imaginarios e com lamurias e pedinchices vergonhosas, teve a carateriza-la, desde o principio, a abstenção de homens de reputação científica, de capacidades com quem poderíamos discordar mas que no entanto seriam credores da nossa ponderação, e a abundancia de criançolas, de fulanos que nunca ninguém vira e de quem nunca tinhamos sequer ouvido falar.

Homens de valor, homens de reputação científica, autores d'obras sociais de merecimento, escritores militares mesmo de respeitabilidade pela sua dedicação ao estudo, pela sua intelijencia e pelo seu carater, esses não os vimos nós pelas tribunecas armadas por essas partes de casas alugadas em segundos e quartos andares da cidade.

Ouvimos apenas — porque quem estas linhas escreve teve, por dever de officio, de os *grammar* — homens com pretensões a cientistas, sabios de meia tijela, saltimbancos de politica; ouvimos tenentesinhos imberbes, alferes bonitos cheirando a benzina e a solarina que tresandavam, e até marujos; ouvimos comerciantes de chitas, malhas e algodões, bacalhau batatas e feijões, piassabas, pás e outras coisas mais, pretendendo tapar os olhos dos outros com a nevoa que cobria os seus. Foram esses *Zés, Maneis, Migueis, Joões* que ouvimos fartarem-se de dizer asneiras revelando ao lado da sua apocada intelijencia uma ignorancia profunda dos homens e das coisas, um desconhecimento absoluto dos principios mais comensinhos da ciencia economica e social.

E era de pasmar o descôco com que esses tais chamavam desequilibrados, desorientados e ignorantes aos que repetem e defendem, as ideias espostas, as conclusões científicas deduzidas pelos sabios de maior reputação mundial, e o atrevimento ou a inconsciencia com que roubavam passajens de escritores avançados mais conhecidos, a que eles, por incompreensão ou por velhacaria, deturpavam a intenção e o sentido. Alguns, para cativarem as simpatias e assim mais facilmente convencer os incautos e injenuos a dar lhes algum dinheiro, faziam, de começo, afir-

mações antimilitaristas e pacifistas que eles não podem sentir nem compreender, já pela sua educação já pela natureza da sua profissão comprovadamente refrataria a quaisquer aspirações ou sentimento humanitario.

E assim durante meio ano, andou essa chusma de cavalheiros a cretinizar ainda mais este povo desorientado pelos que se arvoram em seus salvadores e educadores-

Porque seria, então, que os homens de ciencia, os militares que pela sua dedicação ao estudo, pela sua cultura, intelijencia e carater seriam dignos de ser ouvidos com atenção, não apareceram tambem a cooperar nessa propaganda verbal em favor da organização da defeza nacional?

São eles mesmo que nos veem agora dizer. Oiçamo-los, pois.

Que se não deve pensar em despender 80:000 contos em material de guerra que o mesmo será transforma-los em materia improduttiva — diz o general sr. Moraes Sarmiento:

— «Eu penso de uma fórmula absolutamente contraria ácerca de tudo quanto aí se tem feito no respeitante á defeza nacional — diz o general sr. Moraes Sarmiento, comandante da Escola de Guerra, a um redator do Seculo.

«A grande comissão de defeza nacional elaborou e apresentou ao governo um projeto baseado num emprestimo de 80:000 contos, destinados á compra de material de guerra para o ezercito e para a marinha; ora, eu julgo inconveniente um tal projeto.

«Nós não devemos encarar o problema da defeza nacional sob todos os aspétos e para todas as eventualidades, ainda as mais fantasticas, mas sim para a situação actual e para a eventualidade mais provavel.

«Talvez que eu seja tomado por um Hervé, mas devo dizer o que julgo ser mais conveniente, e em *minha consciencia considero uma loucura* (sem ofensa) *o despender neste momento 80:000 contos com a defeza nacional.*

«A nossa preocupação dominante deve ser o equilibrio orçamental e o restabelecimento do nosso credito financeiro.

«Sem termos estradas, nem caminhos de ferro, sem portos

que satisfaçam ás modernas ezijencias da navegação nós não devemos pensar em despender 80:000 contos em material de guerra, que o mesmo será transforma-los em materia improduttiva.

— Quer dizer que não devemos cuidar da nossa reorganização militar? — perguntou-lhe o jornalista.

— Não, a minha opinião não é essa — respondeu o general sr. Moraes Sarmiento — antes, pelo contrario, entendo que devemos pensar em nos organizarmos militarmente, mas de acôrdo com as atuais circumstancias politicas e financeiras e evitando que a reorganização militar e naval, que deve ser uma função de progresso, possa ser antes *uma função de ruina pelo desequilibrio economico que possa produzir.*»

Acrescentou ainda o sr. Moraes Sarmiento que não há razão nenhuma para se ter receios duma incursão espanhola pois a Inglaterra tem toda a conveniencia em impedir a unificação da peninsula.

O dr. Teofilo Braga diz que a conflagração geral é impossivel porque a impedi-la se levantariam os socialistas e os anarquistas de todas as nacionalidades.

O sr. dr. Teofilo Braga, entrevistado tambem pelo Seculo sobre a situação de Portugal no conflito europeu, respondeu:

— Estou intima e absolutamente convencido de que *é impossivel uma conflagração europea.*

«Ha, é facto, ameaças dessa colisão armada, ameaças que de ha muito ezistem e que *teem a sua orijem na ganancia das casas construtoras de material de guerra e na loucura militar de alguns reis e imperadores. As oligarquias militares dominantes em alguns Estados, como a Alemanha e a Austria, e as influencias de que dispoem as grandes empresas proprietarias de estaleiros e fabricas de armas teem sido a causa desta febre militar, que, tendo-se apoderado dos Estados, os tem conduzido a uma situação financeira nalguns deles bem critica.*

«Iniciado este periodo de armamentos, as nacionalidades rivais teem constantemente cuidado do seu aumento, receosas de que o minimo enfraquecimento possa ser causa da sua perda imediata.

«Como este aumento reciproco de forças atinjiu o maximo e as despesas causadas por uma tal loucura não podem ser ultrapassadas, daí o considerar-se imminente uma conflagração geral, como unica soluçào lojica das grandes despesas feitas.

«Porém, devemos analisar que, simultaneamente com o desenvolvimento desta febre guerreira dos dirijentes, se teem

desenvolvido tambem as tendencias pacificas nos agrupamentos operarios.

«Os partidos avançados conquistam dia a dia novas forças e novo valor e tão intensos são já hoje essa força e esse valor que a conflagração europea é impossivel, porque a impedi-la se levantariam os socialistas e os anarquistas de todas as nacionalidades.

«E' por eu estar intima e absolutamente convencido deste facto que lhe digo que não ha necessidade alguma de pensarmos nessa organização guerreira que para aí se apregôa.»

Continuando o sr. dr. Teofilo Braga, diz:

«A garantia da nossa independencia reside mais na escrupulosa administração dos dinheiros publicos, na criteriosa orientação politica dos governos, do que nas grandes forças militares.

«O nosso principal cuidado deve, pois, ser o equilibrio orçamental e o restabelecimento do nosso credito financeiro.

«O desenvolvimento dos principios sociais avançados tem sido muito grande, como igualmente grande, intensa e proficua tem sido a confraternisação dos operarios das diversas nacionalidades, e, por isso, não haverá guerra.

«Hoje a força dos operarios associados é muito maior do que todas as oligarquias militares, muito maior que todos os potentados do capital, e, assim, desnecessario se torna que percamos tempo a supôr hipoteses que não tem probabilidades de realização.

O tenente coronel sr. Silveira, antigo ministro da guerra, tambem entrevistado pelo Seculo, como o sr. Moraes Sarmiento, pensa «ser impossivel e prejudicial o fazermos um emprestimo de 80:000 contos, destinados á compra de material de guerra.

«Muita consideração e respeito — diz ele — tenho pela patriotica propaganda feita pela comissão de defeza nacional, mas neste ponto sou absolutamente contrario á sua orientação.»

Que dirão agora para aí os ilustres homens de ciencia que se esganiçaram por essas tribunecas armadas em partes de casas alugadas nesses terceiros e quartos andares da cidade a amedrontar o povo com o papão da Espanha e da conflagração europea e a convence-lo a sacrificar-se a pagar, com escarros de sangue, os 80:000 contos para satisfazerem a ganancia das casas construtoras de material de guerra?

Ora! Do alto da sua olimpica sabedoria chamarão ignorante a Teofilo e desequilibrados, sem-patria, aos outros...

Ciencia e talento, só eles!

Coitados! Na verdade a ignorancia sempre é muito atrevida!...

NO TRIBUNAL MILITAR

AINDA O JULGAMENTO DE BUIZEL

Como prometemos, damos hoje algumas passagens do discurso de defeza proferido por Sobral de Campos no dia 18 do mez passado no tribunal de Santa Clara:

Senhor presidente. Senhores:

Apezar de novo, de não ter mais que 25 anos, habituei-me ao perigo. Por uma superabundancia de vida sinto imperiosamente em certos momentos, bastas vezes mesmo, a necessidade de não fazer monopólio dos meus conhecimentos e das minhas ideias, a necessidade de juntar as minhas energias transbordantes ás inerjias dos outros para o Bem; a necessidade de me multiplicar, de criar e espalhar á minha roda, copiosamente, a verdade e a vida, embora para isso eu tenha que sacrificar horas inteiras de socego, dias ou mezes de liberdade. Por um desejo intensissimo de harmonizar as minhas opiniões e as minhas palavras com os meus atos, salto frequentemente por cima das minhas estreitas e mesquinhas conveniências, e ponho de banda, sem hesitações, o *senso pratico* de que tanto alarde fazem os videirinhos reles, os acomodaticios, os mutilados, os sem individualidade, todos aqueles que embora esternamente pareçam homens o não são de facto, sendo apenas títeres.

Disse Guyau—uma das mais poderosas e brilhantes cerebrações do seculo passado—que «para a planta, em certos casos, florir é morrer. Que importa? A seiva sobe sempre. A natureza não olha para traz.»

Ora neste momento, precisamente, me sinto capaz de tudo sacrificar. Que os homens, qualquer que seja a sua posição na sociedade, por mais escudados que se encontrem com esta funestissima trindade—o *preconceito, a lei e a força*, não me atemorizam. Os homens merecem-me muita simpatia e solidariedade quando se encontram desgraçados ou oprimidos ou quando, não se encontrando assim, tenham procedimento elevado e util para todos.

Quando vim para aqui, vim decidido a tudo. Que as leis, por mais amordaçantes que sejam, nada me preocupam, nada peçam na balança do meu espirito sempre que tenha que falar ou proceder, sempre que queira dizer ou gritar a verdade, seja embora por sobre a cabeça daqueles que não querem ou não podem encara-la.

Sendo assim, eu seguirei imperturbavelmente, a linha reta que me marca e impõe o meu carater.

Com dois fins proferi estas frases: Primeiro, para que eu tenha bem presente no meu espirito que muito doloroso será para mim fazer qualquer desvio deste caminho honesto; depois, para que as minhas palavras não possam ser tomadas á conta de ezibicionismos que não quadram com a minha maneira de ser, de ezibicionismos que reputo detestaveis.

Tudo o que disser terá, portanto, pelo menos, este valor: é que é sincero!

Senhores: Os factos sociais não se podem estudar, as mais das vezes, numa determinada fase sem se irem ver cuidadosamente as suas oriens mais ou menos remotas e as suas relações mais ou menos intimas com outros factos. Da mesma forma que uma fita de cinematografo apanhada a meio ou a que faltam um certo numero de quadros se não entende, certos factos sociais complicados, interdependentes, não tem significação alguma ou tem uma falsa significação quando observados numa determinada altura, quando arrancados ao emaranhamento das causas e consequencias.

Assim o caso Buizel. Este processo é uma chaga sifilitica no organismo da nossa sociedade. Não pôde ter um tratamento meramente local. Temos que fazer o tratamento geral que a ciencia indica.

Voltemos, portanto, alguns anos a

traz. Disse-se aqui que Buizel foi um *intervencionista*. Varios outros o foram. Vejamos então o que isso é: No tempo da monarchia, da monarchia dos adeptamentos e da clericalha, desse imenso sudario de crimes e vergonhas, os republicanos andaram pelo paiz inteiro, na sua cruzada de liberdade, espalhando aos quatro ventos a necessidade da revolução e apregoando as mil vantagens da republica. Com eles andaram, nessa aturada propaganda, muitos individuos que não eram republicanos mas que queriam a revolução. A seu lado, pelas tribunas armadas nas cidades, vilas e aldeias; a seu lado, nas associações secretas, andaram sempre varios socialistas libertarios e autoritarios. Assim, os que não eram republicanos mas que queriam destruir a monarchia e o desenfreado imperio dos jesuitas, tinham que transijir frecuentemente em varias coisas dos seus principios. Por outro lado, os simples republicanos, para conquistarem gente para a revolução, para levantarem o espirito revolucionario das massas, invadiam o nosso campo fazendo promessas de carater economico que nunca poderiam ser cumpridas.

Era já difícil distinguir os republicanos dos que o não eram. As mais das vezes, as mais arrojadas afirmações partiam mesmo daqueles que queriam conquistar o poder e que inteiramente sabiam que estavam mentindo á ignorancia e injenuidade do bom povo trabalhador das fabricas e dos campos.

Pois é a esta cooperação dos avançados na propaganda republicana que se deu o nome *intervencionismo*; e aos que nela tomaram parte o de—*intervencionistas*.

Foi o que Buizel foi.

Desde a republica para cá, os mesmos homens que ontem exploravam as greves para fazerem propaganda, que ensinaram o desrespeito pelas leis e pela propriedade, que pregavam a revolta, tem feito a mais sistemática perseguição aos trabalhadores. As greves são resolvidas pela violencia, pela força, brutalmente. Assim aconteceu com a de Janeiro. Assim foi com a greve dos electricos em que interveiu o sr. Duarte Leite...

O presidente.—Não posso permitir que v. ex.^a censure por qualquer forma o governo da republica...

Sobral de Campos:—Perdão. O sr. Duarte Leite já não é governo.

Mas como não bastava a força armada, tem vindo a calunia infamante. Assim se tem espalhado, sem que nunca venha uma prova, que os sindicalistas e anarquistas estão feitos com os reaccionarios e pagos pelo seu ouro.

E' esta, sem duvida, a oriagem remota da acusação contra Buizel. *Provas* que um, que dois, ou poucos mais propagandistas do movimento operario eram conspiradores monarchicos... estaria manchado esse movimento e bastante tollidos ficariam os operarios nos seus passos. E, mesmo que não se *provasse* coisa alguma, enquanto durasse a suspeição, os movimentos do proletariado haviam de encontrar, certamente, muitas antipatias...

Desçamos agora ao estudo do processo. Este processo, senhores, é um aborto, é o produto do mais sordido conubio da maldade e da estupidez. E' toda a intriga reles, toda a lama das terras pequenas.

Não faço afirmações gratuitas. Dois exemplos bastam e tirados ao acaso. Vou só ler dois documentos da acusação. Um provará a maldade; outro a estupidez.

Senhores jurados:—Não quero cansar-vos mais. No vosso espirito já certamente está feita a opinião sobre o que é este processo; e, se tanto tenho

dito, senhores, é porque eu tenho sempre presente que aquele homem de bem que se pretendia aniquilar, que aquele revolucionario sincero e desassombrado que ali está, durante oito mezes sofreu, dia a dia, hora a hora, uma acusação infame.

Para ele vão os meus ultimos pensamentos e as minhas ultimas palavras.

José Buizel! Estou convencido que vai sair daqui. Vai para o seu Algarve. Já não estão floridas as amendoeiras; mas depois de 8 mezes de tanta tortura moral deve parecer-lhe mais claro o sol da sua terra, e mais ezebranda a infamia dos seus perseguidores. Nada de desanimos! Vamos os dois, vamos todos contra os que estão do outro lado da barricada. Serenamente, inteligentemente, mas com energia, trabalhemos para que um dia seja um facto sobre a terra—o socialismo libertario!

A recepção feita em Portimão ao nosso camarada José Buizel foi imponente

José Buizel teve ao chegar a Portimão uma recepção deveras entusiastica. Descrita por nós poderia parecer a muita gente faccioso ezajero nosso. Por isso preferimos recortar de *O Algarve*, importante semanario republicano de Faro, a noticia dessa manifestação que é como se segue:

Foi imponente a recepção feita pelas associações de classe da nossa provincia ao sr. Buizel no seu regresso á sua casa em Portimão no passado domingo.

Não ha memoria de uma manifestação tão imponente.

José Buizel, trazido em triunfo sobre os hombros de populares que se revezavam, assim veiu desde a estação do caminho de ferro até a sua casa, trazendo atraz de si um sequito, que pode bem calcular-se em duas vezes a gente que comporta a ponte do rio de Portimão.

A' sua porta estava armado um co-reto onde se instalou uma filarmónica que o acompanhava e de onde ele e outros individuos das classes manifestantes discursaram.

Esta festa constituiu para o sr. Buizel uma apothose entre as classes cujos ideais ele defende e preconisa.

Saiu da prisão com um prestijio centuplicado entre essas classes e dispondo de um valor nas associações bem definido.

Na manifestação não se ouviu um unico viva á Republica, nem foi tocada a *Portuguesa*.

Conto contemporaneo

Quando um povo muda de rejimen sem dele ter inteiro conhecimento, acontece-lhe talqualmente aos injenuos noivos que ligassem a sua ezistencia sem nunca se haverem conhecido.

Ambos sonhando fantazias pelo futuro além, na esperança enganadora de encontrar cada um no seu companheiro as virtudes e qualidades necessarias á mutua felicidade. Mas, que triste desilusão! O noivo, porque a noiva era rica, apenas buscou nela um filão explorador para satisfação dos seus caprichos e vaidades. A noiva, apesar dum passado devasso e perdulario, do seu defunto marido lhe ter amargurado a ezistencia, deixou-se arrastar pelas apparencias, bem compostas, do noivo, em repetidas e doces promessas duma vida engrinalhada de felicidades.

A noiva, coitada, dissipados bem depressa os fugazes mo-

mentos duma enganadora ventura, bem cedo reconheceu que coisa alguma tinha lucrado com o seu novo consorcio.

A sua liberdade de ação, uma das principais clausulas do seu consorcio, não foi respeitada; restringiu-se mais, mesmo para não dar ocasião a que ela pudesse tornar publica esta falta grave de seu marido que, em cavacos amenos, em reuniões publicas, continuava proclamando como uma necessidade a hármonia conjugal.

Os haveres do casal, continuaram a ser desbaratados como eram dantes; porque á esccção dum ou doutro pobre operario, que não podia ver, sem calar, os esbanjamentos dissipadores da fortuna da patroa, o que lhe valeu ser posto na rua, não só foram conservados todos os administradores mas nomearam-se mais alguns e duplicaram-se-lhes os ordenados.

O antigo marido havia dado de arrendamento alguns casais importantes, e, a titulo de fiscalização, colocára em cada um um empregado da sua confiança com chorudo ordenado, fiscalização julgada e tida como imoral na escritura deste noivado; conservou-se tudo na mesma sendo apenas substituidos os empregados, ainda com a agravante da reconhecida incompetencia destes. Por ultimo, ás leviandades administrativas do novo marido, ha a acrescentar a sua ferocidade para com a vasta parentela da noiva. O marido, ligado pela necessidade, aos antigos devoradores dos rendimentos do casal, moveu uma perseguição de esterminio contra aqueles desgraçados.

Debalde eles clamavam que eram os verdadeiros, os autenticos demolidores dos esbanjadores do passado, dos esbanjadores que puzeram em ruina a fortuna da patroa; nada lhes valeu; foi tudo corrido e substituido por caçadores aventureiros que sempre aparecem sem se saber donde nestes momentos solenes de historia.

Hoje, a pobre noiva chora lágrimas amargas; não por saudades do passado, que nem pretende nem quere reviver, mas pela leviandade do presente; por reconhecer já tarde que a sua felicidade foi atraçoada pela sua ignorancia. Ontem anhelava um noivo, que faria o delirio das multidões, e a sua alma injenua e ardente fascinou-se pelos écos dos triumphos clamorosos que elevavam o seu noivo ás culminancias dos jénios; hoje, pensa e reconhece que a sua felicidade estava assegurada precisamente em prescindir de noivos e viver fateralmente em comunhão de ideias e de principios com a sua parentela, que a amava sincera e lealmente, assegurando a todos por igual, a parte indispensavel á sua subsistencia.

Ismaelita.

CONTOS E VERSOS

As duas mães

De Marcelo Dalti.

Nesse banco do jardim, restava apenas um lugar vago. A mãe, uma mulher do povo, sentou-se ali, colocou o filho diante dela e pôs-se a fazer meia.

Depois chegou uma dama elegantíssima, que confiava o filho a uma ama e que instalou a cadeira perto da outra mãe, pondo-se a traçar desenhos na areia com a ponta da sombrinha. Como a ama viesse falar-lhe, a dama disse um *sim* negligente e continuou com os arabescos, em quanto a vice-mãe se afastava a fazer sinais ao menino, que brincava com um balde-zito.

Mas o menino não fazia caso: tinha-se acercado do pequenito da operária e, com esse sorriso da infância que dissolve as distâncias, perguntava-lhe gentilmente:

— Qué's bincá comigo?

O outro, sem levantar os olhos, respondeu:

— Se tu qué's...

A dama chamou logo o filho, e, puxando-o para si, intimou-lhe uma ordem a meia voz, e foi com uma expressão triste na facezita delicada que o pequenito se sentou perto da mamã, muito quieto.

— Ai! decerto a senhora tem medo de que o meu rapaz lhe suje o seu? Pois deixe lá o seu menino ir brincar, deixe: sou eu que não quero que o meu lhe bula.

A mulher do povo dissera isto vivamente, mas ainda contendo a cólera. Como, porém, a elegante dama, surpreendida, fizesse uma careta de desdém e recuasse com a cadeira, foi uma explosão violenta:

— Não precisas de me fugir! ouves, minha peste? Olha que o meu pequeno tem mais saúde do que o teu, podes estar certa... O teu pode ter dinheiro, mas a riqueza do meu é a saúde... Olha, olha p'ra êle, como é bonito e forte!

Muito vermelha, a dama levantou-se; mas lançou um olhar furtivo às duas crianças, e o confronto fez-lhe brilhar nos olhos, sublinhados de pintura, um relampago de despeito.

E então a outra, levada por esse obscuro instinto que torna o povo injusto ante os que possuem, sentiu necessidade de humilhar essa mãe que não sabia sacrificar os seus preconceitos ao prazer do filho e encarniçou-se na sua raiva, desembestando contra a rica, com grande gaudío da galeria. Pegou no filho e ergueu-o à altura da face da outra mãe:

— Vocês que dizem que o povinho está pôdre, vejam lá se êle não faz ainda filhos bonitos! Então? Teem vocês disto, com todo o seu dinheiro? A lindeza è coisa que se não compra com

dinheiro, é ou não é? Cá não se põe vermelhão na cara dos petizes! Não é agua de lavagem que ele tem nas veias, o meu garoto: é sangue! é sangue de trabalhador, olé! Olhe lá o seu e compare-o com este... Ah! você não quer que êle brinque com o meu? Anda mal vestido, e você tem medo dos piolhos, talvez! «Ai! credo! se vissem o meu filho brincar com um pobre!» Sim? pois olhe que a vergonha maior havia de ser para mim, com certeza!

Mas a dama agarrara no filho pela mão e afastava-se da mulher do povo. Poucos passos adiante, levantou orgulhosamente a cabeça e soltou por entre dentes:

— Canalha!

A outra mãe ameaçou-a com o punho cerrado, berrou:

— Vai, vai-te embora, minha...!

E disse a grossa insolência, em quanto a dama desaparecia numa curva. Tomou então um ar triste e disse aos circunstantes:

— Coitado do pequeno! Ele culpa não tem, mas é bem mal talhado!... Estas ricas não sabem fazer coisa que preste!

E pôs-se a beijar o filho furiosamente, freneticamente:

«Meu homemzinho! meu homemzinho!»

Páginas alheias

Um dos conhecimentos mais importantes e necessários para o progresso da humanidade, é o estudo da antropologia propriamente dita, isto é, o estudo e classificação das raças humanas e o conhecimento dos diferentes costumes dos povos.

A medida que se vai conhecendo a diversidade de costumes, de moral, de religião, dos distintos povos e raças que habitam a terra, o homem vai reconhecendo que é uma grosseira invenção a divindade, a imutabilidade da ordem social, existente, e quantas instituições se apresentam com caráter permanente e insubstituível.

A VELHA INUTILIDADE

Et mettez y des lits pour les pauvres l'hiver.

V. Hugo

Ha mil anos, dois mil, eu sei lá quantos, que o tempo eleva á luz a frontaria imperturbavel, rijida, sombria, na placidez marmorea dos seus santos.

Mil gerações banharam com seus prantos os puidos degraus da escadaria, mas toda a humana dôr, toda a agonia jámais acorda os ecos nos recantos.

Impassivel e calma, a catedral vê ante si passar a infernal, macabra procissão dos dolorosos,

e em vez de pão, de luz, de amor e abrigo, dá-lhes mentira, infernos e castigo e os braços duma cruz, silenciosos.

Coriolano Leite.

Que variedade de formas, que variedade de instituições, que variedade de costumes encontraremos nos diversos países da terra! Assim como cada região, segundo o clima, as aguas e os terrenos que a formam, tem a sua fauna e a sua flora assim também o homem está constituído física e moralmente segundo o que come, o que bebe e o ambiente que respira.

Como pôde o homem estudioso aceitar de boamente quanto lhe apresentam como verdade unica, como forma inalteravel da sociedade, se sabe que variando de país terá que variar de verdade, de forma social, de usos e de costumes, se não quer singularizar-se e até espor-se a varios compromissos! E como é possível que o homem que logrou alcançar uma boa orientação no progresso da humanidade, aceite como verdade inconcussa as inumeraveis invenções que cada país elaborou segundo a conveniencia de uns e a falacia de outros!

Soledad Gustavo.

Madeleine Vernet

O AMOR LIVRE

Será por acaso necessario procurar demonstrar que o amor não pode ser senão livre? Tanto assim é que os pintores no-lo apresentam sempre numa bela creança de azas e os poetas nos seus cantos alegres, fantasistas ou tristes no-lo mostram caprichoso, ligeiro, inconstante, sempre em busca de horizontes novos e de novas sensações.

«... O amor é filho da Boémia!»

E è verdade. Nenhum de nós pode responder pela estabilidade do amor. Mais que todos os outros sentimentos do sêr humano, ele è inconstante e fogaz porque não è sómente uma afeição do coração mas também um desejo dos sentidos e uma necessidade física.

Que se não confunda o amor com o casamento. O casamento è uma convenção social; o amor è uma lei natural. O casamento, è um contrato: o amor è um beijo. O casamento, è

uma prisão; o amor, è um desalogo. O casamento, è a prostituição do amor.

Para que ele conserve a sua beleza e a sua dignidade, o amor deve ser livre; e só è livre quando rejido pela sua lei propria. Não pode haver sobre este capitulo, considerações de ordem material ou moral: dois sêres confessam amar-se e desejar-se; devem ter o direito de se dar um ao outro sem que nenhuma razão estranha ao seu desejo interceda entre eles, assim como devem ter o direito absoluto de se separar no dia em que se não desejem mais.

Eu não disse: «no dia em que eles se não amem mais,» mas sim «no dia em que eles deixarem de se desejar.» Pode-se deixar de desejar uma mulher e ama-la ainda, pode-se não querer mais o amante, e permanecer fiel ao amigo. Isto è um caso psicologico bastante conhecido para que eu insista nele; mas o ponto em que eu tenho de insistir è a parte da questão que diz respeito ás mulheres.

Para a mulher, è geralmente admitido que a sua vida secular è nula ou que esta está subordinada á do companheiro—legal ou não—que ela escolheu. Ela deve viver e sentir por ele: ser apaixonada se ele o è, ser neutra se ele è frio. Até hoje o homem tem considerado o desejo sensual como devendo reje-lo essencialmente, recusando-se a reconhecer na mulher um sêr moralmente e fisicamente organizado como ele.

E' esta questão que eu me proponho abordar neste estudo sobre o «Amor livre.»

(Continua)

COINCIDENCIAS...

E' frequente ouvir dizer a certos politicos: «Estranha coincidência! Sempre que os conspiradores se mechem, sempre que mais se fala neles e mais eles ameaçam perturbar a república, os operarios se movimentam também e ameaçam fazer greves importantes. E' já muita coincidência!»

Lembramo-nos de perguntar se não será precisamente o contrario,—pois sabemos bem que já assim succedeu—se não serão as trombetas republicanas que anunciam conspirações diabólicas, *paivantes* terriveis na fronteira, logo que se diz que os sindicalistas preparam qualquer movimento seu.

Creemos bem que esta è que è a verdade. E isto tem um fim bem evidente: tolher o operariado nos seus passos criando-lhe antipatias na opinião.

E, assim, nas gazetas, nos ministerios, nos cafés, no parlamento, nas casas de meretrizes, *eles* continuarão as suas insidias.

Felicamente, porém, a caravana segue... e as coincidencias vão ficando para traz...

Cartas a uma burgueza

III

Vamos então até aquela casa junto da qual as crianças estão brincando? Não chega a uma centena de metros a distancia que dela nos separa; e, agora, depois deste descanso, a minha amiga deve sentir-se capaz de andar quilômetros... A caminho, pois!

Como vê, ninguém veio ralar por comermos estes frutos deliciosos. E alguns homens que passaram, menos atarefados, conversaram conosco naturalmente, afavelmente, como se ha muito já nos conhecessem ou fossem amigos nossos.

Que vergonha, disse? Mas que vergonha o quê? Aquele par que ali vai?! Os beijos que os dois trocam á vista de quem passa? E' isto? Pois não ha motivo para tais espantos. Não se ria; estou falando a serio. Olhe: isso são ainda restos que lhe ficaram do cristianismo, rezedos dessa religião que com a sua fealdade e as suas coisas anti-naturais vincou durante muito tempo a humanidade. Vê? dizia-me que estava libertada absolutamente da ideia religiosa e não está. Provavelmente em varias outras ocasiões terei de verificá-lo.

Considera, então, o amor como um pecado, os beijos como indecência, não é verdade? Pois não pode ser um crime nem pode em si trazer vergonhas aquilo que é a razão de ser da existencia e a base da sociedade, que é a fonte da vida, que é mesmo a propria vida.

Se são casados os dois? Não, minha amiga. E digo-lhe que não, porque quando me faz essa pergunta está certamente a pensar nos casamentos que lá se realizam. Ora o amor não pode ser regulamentado. Ele salta por cima de todos os obstáculos e tudo vence e subjuga. Necessita de ter a maior liberdade e a maior expansão. E assim, nessa plena liberdade, ele se despe de mentiras e de artificialidades e de constrangimentos.

O casamento, minha amiga, como lá é feito, é uma imoralidade e das maiores. Em geral não se unem dois seres que se amam, que se conhecem, que se compreendem. Em geral unem-se interesses. Um homem que se vendeu por um gordo dote ou uma mulher que comprou com o seu corpo uma determinada posição na sociedade. E, mesmo quando não é o interesse a causa unica ou predominante dessas uniões, não ha quasi nunca a justificá-las o bater concorde de dois corações, a afinidade de sentimentos e a identidade de ideias. Ligam-se sem se conhecerem e sem terem um fim nobre a realizar. Ou é o interesse que os junta num contrato sordido — e prostituem-se; ou é a sim-

ples sensualidade que os atrai — e, logo que ela se perde em ambos ou num deles, a prostituição aparece tambem, pois mais nada os unia. Não pensam se *devem* ter filhos ou não, se o seu temperamento, se a sua organização fisica lhes dá probabilidades de terem filhos são. Não reparam se a situação economica em que vivem, mais ou menos desafogada, mais ou menos estavel, lhes dará o *direito* de procriar ao desbarato, impensadamente, sem conta nem medida. A mulher não se interroga a si propria, nem o marido a interroga, sobre se *deseja*, se *quere* ter filhos, se está moral e intelectualmente *preparada* para os ter. Não se pensa em formar um Lar, em constituir uma Família. O filho não é um fim, é um acidente, é a consequencia de qualquer cópula — consequencia *que tem de aceitar-se*.

E como nunca pensaram em filhos nem na sua educação, tudo se fará depois ao acaso, sem orientação alguma ou com uma orientação arranjada *ad hoc*, aprendida á pressa, e as mais das vezes ainda sem colaboração dos dois pais ou sem ser por ambos compreendida. E tudo isto pezará ao deante sobre a vida da criança...

Aqui? Aqui tudo se passa doutra forma. Já sob o ponto de vista economico, visto as bases da sociedade serem outras, totalmente diversas, como sabe, (pois ha o comunismo, tudo é de todos); já sob o ponto de vista intelectual e moral.

Mas estamos a dois passos das crianças. Olhe: uma delas vem para nós, vem ter conosco. Vamos ter, certamente, uma conversa muito interessante, uma conversa ao mesmo tempo alegre e cheia de coisas sisudas e inteligentes.

Depois de as ouvirmos, eu voltarei ao assunto e satisfarei a sua curiosidade.

Agora... ouçamos as crianças...

Sobral de Campos.

A criança de mama

por Michel Petit

A criança que nasce tem direito a todos os nossos cuidados. Os páis que acham desagradavel o aumento da sua familia, podiam evita-lo. Se não o souberam fazer, não é a criança que deve pagar o resgate da sua negligencia.

Quando todo o encargo do filho recai sobre um só dos projenitores, por abandono da parte do outro, e quando, sobretudo, a mãe é desviada do seu instinto natural por todas as forças reunidas da Sociedade é esplicavel que ela seja levada ao ato monstruoso de matar o seu filho; mas o que ninguém saberá esplicar é que haja páis que privem dos cui-

dados necessarios o filho que eles não desejaram, ou que se desinteressem completamente d'ele, dando-lhe apenas o indispensavel para que não morra de fome, dizendo: "Se vingar, tanto melhor para ela; se arre-benta melhor para nós". Estes páis são assassinos, particularmente bem cobardes para cometerem o seu crime de uma só vez, bastante crueis para matarem a sua vitima dissimuladamente a pouco e pouco, assistindo a cada minuto desta longa e dolorosa agonia. Estes casos são, felizmente, escecionais.

Mas o que dizer daqueles páis, e são sem conto, que procedem do mesmo modo, e, por ignorancia e sensibilidade afetada fazem morrer pouco a pouco, em horriveis sofrimentos, o filho que amam sinceramente, que desejam conservar, e ao qual queriam evitar a mais pequena dôr? Este paradoxo inacreditavel, realiza-se em quase todos os lares dos nossos campos, viveiros de seres humanos, que noutras condições fariam uma raça melhorada a cada geração e portanto mais apta para fazer valer os seus direitos á vida integral e para transfórmiar neste sentido a Sociedade.

Porque tudo se equivale: uma criança criada em más condições torna-se um homem preguiçoso por impossibilidade de trabalhar sem desgosto, servil por incapacidade de lutar, por consequencia inapto para o esforço incessante que todo o desgraçado deve fazer para conquistar o seu logar ao sól, e desempenhar a tarefa que incumbe a cada geração em favor da seguinte. Se nós quizermos ver desaparecer os *amarelos*, os escravos voluntarios, os *bons cidadãos* e os *bons soldados*, comecemos por criar convenientemente os nossos filhos.

Se considerarmos a espantosa mortalidade que se manifesta nas crianças de mama e que é devida, conforme opinião unanime, principalmente ás perturbações dijestivas, nada se apresenta tão difficil como a questão da alimentação das crianças.

No emtanto vemos quasi todas as mães e amas desempenharem-se desta tarefa, da qual depende a vida da criança, de tal modo que podemos admirar-nos legitimamente de que a criança resista ás más condições em que vive o seu delicado organismo.

Não é ezajerado afirmar que nas cidades apenas um por cento das crianças são alimentadas racionalmente e nos campos afastados dos centros, nenhuma.

Mas como não ha de ser assim, se a pessoa que disso se encarrega, mãe ou âma, não está preparada com conhecimentos indispensaveis para isso, e, pelo contrario, as suas tendencias naturais a levam só a seguir os impulsos dum sentimento pueril e só a escutar os

conselhos de comadres estupidas?

E' esta caterva de mulheres velhas, que guardam coleções de receitas infalíveis, transmitidas piedosamente de gerações em gerações, e pelas quais toda a criança que nasce é condenada á morte, a menos que seja dotada duma resistencia escecional ou que a mãe seja, por um acaso, rebelde ás *lições da experiencia*.

São estas comadres que se insurjem e instigam as visinhas contra a mãe ou âma que deixa gritar o seu bebé.

São elas que ensinam a engordar o pequenino sêr para que *crezca depressa* e possa assim dignamente apresentar-se nos concursos que os poderes publicos organizam á semelhança dos de animais bem gordos.

Ignorancia, falta de reflexão, sensibilidade afetada que vai até á fraquesa da parte dos páis, autoridade malefica exercida por pessoas sempre mal informadas e muitas vezes mal intencionadas: tais são as principais causas da mortandade infantil que as estatísticas registam cada ano, e — que é o mais importante — tais são as oriens da existencia sofrédora, miseravel, que levam tantos individuos, cujo organismo, são ao nascimento, sofreu na primeira infancia avarias irremediáveis.

Eu devo prevenir, desde já, os páis desejosos de criarem bem os seus filhos que não quero fornecer-lhes uma regra precisa, invariavel, a que seja necessario e suficiente obedecer para obterem resultado certo.

Circulam já pelas mãos das mães novas, muitas tabelas, graficos, manuais de puericultura, que as fazem entristecer e apoquentar quando o seu bebé não alcança em cada dia o peso indicado para a sua idade, que querem alcançar antes de tudo, mesmo com prejuizo da saúde.

E não ha forma alguma de conseguir á reflexão, a necessidade de observar, o esforço de compreender, a energia de ação contra os que a cercam.

O papel do fisiologista, do medico, é esclarecer a mãe, indicando-lhe as necessidades essenciais de criança, e pôla em guarda contra ás praticas absurdas habituais e salientar-lhe os pontos que reclamam especialmente a sua atenção.

A criação do filho é obra propria da mãe. Este será o que ela dele tenha feito.

(Continúa).

● Não é pela violencia nem pela perseguição que a idéa anarquista poderá ser debelada. Para combater eficazmente as suas tendencias revolucionarias, e todas as que resultam do antagonismo e do odio das classes, é essencial que o progresso moral acompanhe na Sociedade o progresso material e o progresso científico. A violencia deve empregar-se contra a violencia, e não contra o idéal. — *Conselheiro Antonio de Serpa Pimentel.*

Vulgarização científica

A origem do Mundo

por G. Moitet

Hipótese científica

Não é artigo de fé o que agora vamos espôr.

Baseamo-nos exclusivamente no método científico, observamos os fenômenos e fazemos experiências. E quando as experiências são numerosas e concludentes, formulamos leis que permitem explicar de um modo claro e preciso as diferentes circunstâncias de um mesmo fenômeno. E' certo, por exemplo, que durante muito tempo os homens puderam observar a queda dos corpos para a terra. Mas dada a velocidade da queda não nos foi possível estabelecer as relações de espaço e duração. A observação não era concludente.

Eis que Galileo faz rodar os corpos por um plano inclinado a única força que obra é sempre a gravidade, mas a velocidade da queda foi aminorada e então as diferentes circunstâncias do fenômeno puderam ser mais facilmente observadas e estudadas.

Assim foram estabelecidas as leis da queda dos corpos. Este exemplo apresenta um aspecto característico do método científico. A imaginação e a fantasia não encontram lugar ali onde se devem estabelecer as leis. Quando estas leis estão suficientemente determinadas é lícito formular hipóteses para explicá-las, e logo com método inverso, se pode deduzir das hipóteses uma nova série de fenômenos. Se depois a experiência confirma esses fenômenos, pode-se dizer que a hipótese é verosímil. Mas estas hipóteses não devem ser consideradas como imutáveis; elas explicam simplesmente as coisas conhecidas, e novas descobertas podem conduzir a novas hipóteses. Acrescentaremos que a acumulação sempre mais rápida das descobertas, tornam-nas mais certas e mais fijas.

Dito isto, apliquemos o nosso método.

Tomemos um corpo sólido, o zinco, por exemplo, e aqueçamo-lo gradualmente: a 433 graus tornar-se-á líquido, a 930 gasoso e, se não foi contido nalgum recipiente, perderá um volume sempre cada vez maior, cada vez rarefazer-se-á mais até se tornar impalpável e invisível. Que é que impede considerar neste estado não somente todo o zinco espalhado na natureza mas também todos os outros corpos conhecidos?

A hipótese é plausível, visto que a física nos ensina que todos os corpos podem mudar o seu estado (sólido, líquido, gasoso). Eis aqui então toda a

materia reduzida ao estado de gaz muito rarefeito.

Aqui torna-se necessaria uma observação. As propriedades dos corpos tendem a fazer-se comuns aos mesmos corpos á medida que passam ao estado de vapor. Não é então contrario á razão imaginar todos os corpos constituindo não só um globo de gaz mas um gaz unico extremamente rarefeito:— o *eter*.

E' impossivel supor que os fenômenos luminosos podem ser percebidos pelos nossos olhos sem a ação de um *ambiente intermediario*. No espaço que medeia entre uma estrela e os nossos olhos não existe a materia na forma que estamos acostumados a vê-la, é necessario pois admitir que este fluido impalpavel, se estende pe-

sentará: o *vapor aquoso*. E coisa notavel, o novo corpo que devia logicamente medir tres decimetros cubicos não mede se não dois. Como explicar esta diminuição de volume se não se admite que os dois corpos se tenham compenetrado?

E' necessario admitir que todo o corpo é composto de partes minimas representadas por espaços impercétiveis. Estas particulas chamam-se *moléculas*. E as moléculas são por sua vez constituídas por particulas ainda mais pequenas, formadas de corpos simples chamados *átomos*. Para dar ideia da sua pequenez recordaremos que Gaudin, depois de calculos muito dificeis, computou o seu diametro numa cem milionessima parte do milimetro.

Se as moléculas são associa-

Diz a Biblia: «Deus criou o homem á sua imajem e semelhança».



Qual destas imajens é, na verdade, a semelhante a Deus?

los infinitos espaços do universo.

Mas não basta admitir a existencia do éter, é necessario conhecer a sua constituição. A química ensina a responder a esta pergunta. Tomemos dois corpos, por exemplo, o enxofre e o cobre; reduzamo-los a pó muito fino e veremos que embora pequenos distinguem-se sempre os grãos do enxofre dos do cobre. Mas procedamos a outra operação: unâmos os dois pó, punhamo-los num crisol e aqueçamo-los; depois de certo tempo obteremos um novo corpo que não tem nenhuma propriedade nem do enxofre nem do cobre:—o *sulfato de cobre*. Reduzido a pó finissimo, todo o grão reproduzirá as propriedades do corpo inteiro e será então diferente aos grãos do enxofre e do cobre. O enxofre e o cobre ter-se-ão compenetrado sob a influencia do calor porque eram mais divisiveis que aquilo que se podia pelo seu aspeto reter.

Mas isto ainda não é suficiente. Tomemos dois gases: dois decimetros cubicos de hidrojénio e um decimetro cubico de oxijénio; façamos passar a corrente elétrica por este globo de gaz e um novo corpo se apre-

ções de átomos, se a experiencia ensina que os corpos chamados *simples* não podem ser admitidos como tais senão hipoteticamente, porque não admitir que os proprios átomos não são senão associações de outros átomos pequenissimos de éter? A constituição da materia cósmica permite-nos, na sua propria grandeza, descender do infinitamente grande ao infinitamente pequeno, e a hipótese aparece sob uma forma verosímil.

Esta aglomeração dos átomos, que parece derivar de lei quimica, torna-se ainda mais evidente considerada com a lei da atração universal. Esta lei de Newton, que tem a sua origem numa maravilhosa cadeia de descobertas devidas a Kepler, e ás proficientes observações de Tycho-Broé, dá-nos a explicação dos mundos viventes na imensidade cósmica...

Dois corpos se atraem em razão directa da sua massa e em razão inversa do quadrado da sua distancia.

Esta é a lei demonstrada primeiro pelo Sol e seus planetas, depois pelos planetas entre si; emfim, por todos os corpos da natureza.

(Continua.)

Inconsciencia do rebanho

Não é um conto: sucedeu como vou referir. Uma vez iam varios oradores republicanos e de elevada estirpe em viagem de propaganda. Saíram a recebê-los em todas as estações do trajeto milhares de correligionarios, que prorompiam em vivas estentorosos, possuidos de fé e entusiasmo. E a cena repetia-se sem variantes e de cada vez os bons adeptos da causa redobravam de aplausos, mais se esganiçavam, de-liravam em pleno dia e acordados.

No cortejo ía um jornalista de fino enjenho, malicioso e cético. Sustentava êle que quando o virus do entusiasmo se apoderava de uma multidão politica, não havia no mundo coisa mais inconsciente e disparatada para dar vivas á tóa, sem saber o que é que se aplaude e ovaciona.

Protestavam os da comitiva que isso era ezajero, que o entusiasmo é comunicativo, contajioso, mas tanto não.

—Não ezajero! Querem apostar que dou um viva sem senso comum e que a multidão me acompanha em côro?

—Apostamos. Ninguém corresponde com certeza, se for contra as suas convicções.

O jornalista teve palavra e fez a experiencia. Ao chegar á estação da cidade, que era o objeto principal da campanha, assomou á portinhola da carruagem do comboio, debruçou-se e gritou com voz atoadora, bem distinta, vocalizando admiravelmente:

—Viva o censo enfiteutico!

—Viva! responderam milhares de vozes. Viva! viva! disse uma e outra voz a multidão possuída de louco fernesí.

E o certo é que ninguém soube o que se vitoriava, ninguém reparou no estupendo dislate de aclamar por causa da republica o censo enfiteutico.

Na generalidade dos casos as coletividades politicas procedem tão sem consciencia que são capazes de ezalçar as coisas mais absurdas e de denegrir as mais respeitaveis. A multidão politica atinje o cumulo do ridiculo e do inconsciente, quando composta de politicos de profissão que fazem do viva não uma expressão espontanea das suas convicções, mas uma arma de partido, um grito de combate. *Luiz Morote.*

Revista dos jornais

Estão verdes...

M. J. da Silva dirigindo-se ao ex-governador geral de Moçambique, na sua *Voz Publica*:

«O dr. Magalhães tem agora a prova provada de que a tatica do socialismo internacional, que não autorisa que os socialistas aceitem cargos nos governos do rejimen capitalista, emquanto o meio não fôr modificado pela predominancia invencivel da corrente socialista, é perfeitamente justificada.»

Temos então que os socialistas não aceitam agora os tais cargos por... não lhes chegarem. E' preciosa a confissão, mesmo na boca dessa insignificante raposa que é M. J.

Feminismo

De um artigo de Constancio C. Vigil no *Libre Examen*, de Bolivar, n.º de 16 de fevereiro:

«Tenho observado que os homens que mais alarmados se mostram e mais cham ante o avanço da mulher, são os mais maricas, fisica, moral e intelectualmente. Explica-se o caso: êles na verdade receiam que as mulheres os metam num chinelo legalmente e os tragam mais oprimidos ainda que hoje. E' inutil pretender chamá-los á razão. O medo é supersticioso...»

Silva Pinto dizia: — está certo.

A Republica é uma mentira

Não somos nós quem o afirma, se bem que nos parece que já o temos dito; é o órgão do chefe evolucionista

no seu ariigo de fundo de segunda-feira. Leiam:

«O país está cansado. Está cansado, sobretudo, de mentira. Está farto desta mentira enorme que lhe temos dado, Olha esta República que tributa arbitrariamente, que prende arbitrariamente, que persegue arbitrariamente, que arbitrariamente administra e arbitrariamente governa, e pergunta-nos a nós outros que em comícios e sessões, em folhetos e jornais, por aí andamos pregando a guerra santa da libertação política: «— mas então os senhores prometeram branco, e dão-nos preto? os senhores diziam então que sim, e agora dizem que não?» E a gente, francamente, não sabe o que há-de responder ao país.»

Patadas

Não ha duvida de que dia a dia se vê aumentar a furia de certos opositores monarquicos e de elementos que se dizem operarios. Ao passo que os monarquicos especulam, sobretudo, com a contribuição predial que, como é mais que sabido só vai ferir os grandes proprietarios, os: ais elementos que se dizem operarios gritam contra a tirania e contra a violencia, como se na verdade, o governo tivesse cometido algum ato opressivo contra as classes trabalhadoras, quando é certo que as autoridades tem sido mais que benevolos para individuos que pretendem ser *meneurs* dessas classes e que tem impunemente adotado processos que não se consentiriam em parte nenhuma do mundo. A furia dos monarquicos

compreende-se. A furia de certos elementos que se dizem proletarios não se entende facilmente, estando o governo a realizar uma missão que visa a servir o povo. Mas é de supôr que venha a explicar se. (Do *Mundo de* 1 de Abril de 1913).

Varias noticias

● Um grupo de operarios do concelho de Vila nova de Gaia, constituídos em comissão resolveram instituir uma agremiação sobre as bases sindicalistas, e tendo já dado inicio aos trabalhos, resolveram que a essa agremiação se desse o nome de *Ateneu Sindicalista*.

A mesma comissão já deu inicio á cobrança, tencionando brevemente distribuir um manifesto de propaganda ao povo, e convidando-o a uma reunião publica, onde verão discutidas as bases da referida agremiação.

Tencionam tambem a mesma comissão, como fim principal, estabelecer uma escola racionalista do modelo da de Ferrer, tendo já oficiado para Barcelona, para a Escola Moderna, pedindo as bases para a formação da sua escola racional.

Esta agremiação tem por fim chamar a si todos os individuos, das classes proletarias, e inculc-lhes a urgente necessidade de se filiarem nas suas associações de classe ou sindicatos, para a sua completa emancipação das classes dominantes e capitalistas.

ACABA DE APARECER

Da Porta da Europa

FACTOS E IDEIAS

POR Neno Vasco

A questão religiosa ☉ A questão politica ☉ A questão economica

Preço 500 réis (pelo correio mais 75 réis)

A administração da *Terra Livre* satisfaz prontamente todos os pedidos que venham acompanhados da importancia respectiva.

Encontram-se á venda

nesta administração

destinando-se o produto a auxilio do nosso jornal, as seguintes

PUBLICAÇÕES

Postais "*Terra Livre*," impresos em magnifico cartão de côr, ilustrados com uma sugestiva alegoria do distinto caricaturista Rocha Vieira e inserindo um resumo das ideias libertarias pelos camaradas Adolfo Lima, Araujo Pereira, Neno Vasco, Pinto Quartim e Sobral de Campos—cada.... 10 réis.

* Os mesmos em cartolina—300 réis o cento; pelo correio 350 réis.

* *Os bastidores da guerra*, de Pedro Kropotkine—cada folheto de 24 pájinas 30 réis.

* *Ferro Velho*, versos de Araujo Pereira—cada 50 réis.

* *Um pai*, entre-ato orijinal de Araujo Pereira—20 réis.

* *A questão social*, de Campos Lima—cada folheto de 32 pájinas; 20 réis; 25 exemplares, 300 réis; pelo correio, 350.

* *O Dogma e a Ciencia*, de Emile Janvion—folheto de 100 pájinas, 60 réis.

* Coleção da revista *A'manhã* (6 números) 100 réis; pelo correio, 120.

* *La guerre*, de Pierre Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

* *A bas les chefs!* por Dèjacques (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

* *La loi et l'autorité* por Kropotkine (publicação de *Les Temps Nouveaux*) 20 réis.

E' inútil incomodarem-se a escrever-nos fazendo pedidos de livros e folhetos sem que esses pedidos sejam acompanhados da respectiva importancia, porque não os satisfaremos.

TERRA LIVRE

Semanário anarquista

(Publica-se ás quintas feiras)

Orgam de luta social e economica.— Tribuna amplamente aberta ás reivindicações dos trabalhadores.— Analise e comentarios dos factos capitais da vida social e politica portugueza.— Desenvolvido noticiario do movimento operario internacional.— Desenhos e caricaturas demolidoras.— Concursos scientificos e inqueritos para o conhecimento do problema economico e social da rejião portugueza.— Correspondencia da provincia e do exterior.— Secções de ciencia, filosofia, arte, educação, literatura e critica.

Corpo redatorial:

Carlos Rates— Neno Vasco— Pinto Quartim— Sobral de Campos.

Colaboradores:

Adolfo Lima— Afonso Manaças— Araujo Pereira— Aurelio Quintanilha— Bel-Adan— Campos Lima— Clemente Vieira dos Santos— Emilio Costa— Gaspar dos Santos— Humberto de Avelar— Ismael Pimentel— José Bacelar— José Bedy— José Carlos de Sousa— Manuel Ribeiro, Edmundo d'Oliveira e outros.

Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

(Incluindo o importe do correio)

1 mêz (só para o continente) 100
3 mêses..... 300
6 mêses..... 500
1 ano..... 1\$000

Numero avulso..... 20

Pacote de 50 exemplares (fora o porte do correio).. 500

Para o Brazil (moeda fraca)

(Incluindo o importe do correio)

6 mêses..... 2\$400

1 ano..... 4\$800

Numero avulso..... 100

Pacote de 50 exemplares . 2\$500

Extérieur

Trois mois..... 2,50 fr.

Six mois..... 5 »

Um an..... 10 »

Prix du numéro..... 0,25 »

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respectiva importancia em ordem postal ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despesa correspondente.

Um exemplar gratuito.— Pedimos a todos os nossos leitores e amigos que nos indiquem entre as suas relações, tôdas as pessoas suscetiveis de se interessarem pela leitura deste semanario.

Sôbre os seus avisos, comunicando-nos os nomes e os endereços, enviaremos ás pessoas indicadas um exemplar gratuito que lhes permitirá avaliar a qualidade, o interesse e a utilidade da nossa publicação.

Un spécimen gratuit— Nous prions tous nos lecteurs et amis de vouloir bien nous signaler, parmi leurs relations, toutes les personnes susceptibles de s'intéresser à la lecture de *Terra Livre* Sur leur avis, nous donnons des noms et des adresses, nous nous ferons un plaisir d'envoyer aux personnes indiquées un spécimen gratuit qui leur permettra de se rendre compte de la qualité, de la utilité et de l'intérêt de notre semanario.

Venda de livros.— A administração do jornal *Terra Livre* satisfaz com prontidão todas as encomendas de livros quer nacionais quer estrangeiros que venham acompanhados da importancia correspondente, bem como se encarrega de tomar assinaturas para todas as publicações periodicas da Europa e da America.

Notre service de librairie— Se charge de fournir à tous nos abonnés et aux organisations tous ouvrages de librairie aux conditions habituelles de remise.

Adresser toute correspondance relative à la Redaction et à l'Administration à Rua das Gaveas, 55, 1.º— Lisbonne (Portugal).

— Per tutto ciò che riguarda la *Terra Livre*, indirizzare alla Rua das Gaveas, 55, 1.º. Lisbona (Portogallo)

— Cion, kio rilatas al *Terra Livre*, oni sendu al la Rua das Gaveas, 55, 1.º— Lisbona (Portugal).

— All correspondance for *Terra Livre* should be addressed to Rua das Gaveas, 55, 1.º— Lisbon (Portugal).

— All correspondenz für *Terra Livre* ist zu richten auf Rua das Gaveas, 55, 1.º— Lissabon (Portugal).

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DAS GAVEAS, 55, 1.º

LISBOA

Ajentes aceitam-se onde ainda os não haja

"Terra Livre" encontra-se á venda nos principais quiosques e tabacarias